

# Jornal de Melgaço

Proprietario e Administrador,  
Duarte Augusto de Magalhães

ORGAO DOS INTERESSES LOCAIS

EDITOR,  
Manoel Joaquim Estêves Calçada

## NOSSO JORNAL

Por motivos puramente fúteis e sómente proprios do mais requintado facciosismo politico, fomos obrigados a alterar o titulo do nosso jornal, o que nada importa para, desafogadamente, continuarmos a defender o nobre e honrado partido a que temos a honra de pertencer, advogar e pugnar sinceramente pelos melhoramentos da nossa terra.

O nosso jornal tem luctado, é certo, com muitissimas difficuldades, mas nem porisso tem deixado de caminhar seguro, desempenhando-se, cabalmente, da espinhosa missão que lhe está confiada—os interesses locais—

Por isto, e sómente por isto, tem sido por vezes apprehendido e quantas outras envejado? E porque?

Porque tem diligencia cumprido a risca o seu programma, o seu dever?

A isto se tinha comprometido, e era dever seu lutar, como sempre tem luctado, contra aquelle facciosismo.

Ninguém ignora os attrictos que temos tido e os desgostos porque temos passado; mas apesar de tudo, e apesar de todos esses attrictos, ah! váe o nosso jornal correr a luz da publicidade jornalística contra vontade de morcegos, que não querem luz.

Dizemos não ter inimigos, politicos nem pessoas; mas também não termos amigos, e assim teria liberdade de acção, não regateando elogios, sem adulação, para quem os merecesse, e não poupando censuras, em termos comedidos, quando houvesse lugar a ellas.

Apesar de tudo, não queremos deixar-nos viver; não queremos que haja quem censure os actos menos dignos d'aquelles que os praticam, ou praticarem, para assim poderem fazer e pôr em pratica um certo numero de cousas que repugnam, que não ficam bem e que não podem ter bom acolhimento pelo publico em geral.

E' por isto e sómente por isto que o nosso jornal tem sido victima das mais infames vinganças.

Se fosse *cataplasma* e encoberisse *maxillas*, decerto que não teria luctado tanto; não teria soffrido tantos desgostos e ameaças.

Porem, a nossa missão é muito differente da dos *orgãos* que assim procedem e que reconhecem não poder sustentarse ao nosso lado, porque nós somos a sua verdadeira sombra *negra*.

Tenham a certeza, porém, de que tudo lhes será integralmente pago, com usura.

Não se lhes hade ficar a dever nada, e continuem que, quanto mais injusto fôr o seu proceder, mais severa será a lição.

### A SITUAÇÃO

Grave continua a ser a nossa situação. O proprio governo já não o occulta, embora manifeste ainda a esperança de a modificar favoravelmente desde que se consiga a ambicionada conversão, diz «O Seculo».

Que é, com effeito, grave, vê-se, independentemente da confissão governamental, attendendo para o ultimo balancete do anno findo, publicado pelo Banco de Portugal.

Confronte-se emprimeiro lugar o saldo negativo da conta corrente do thesouro, que figura n'esse balancete, com o que apresentava o ultimo balancete do anno anterior. Ver-se-ha que a divida do Estado ao Banco em conta corrente subiu, no decurso do anno de 1897, de 18:713 contos a 23:240 contos, isto é, 4:527 contos, o que só por si já é importante.

Confronte-se em seguida a conta dos contractos especiaes do Banco com o Estado e dependencias, segundo os dois balancetes. Encontrar-se-ha um augmento de 1:734 contos devido ao emprestimo das classes inactivas.

Esta quantia, com o augmento da conta corrente, eleva a divida do thesouro ao Banco cerca de 6:261 contos. Isto no decurso de um só anno.

Não se sabe, porém, o que haverá a mais de conta do governo na carteira commercial, pois que, como ninguém ignora, é a esta conta que o Banco de Portugal leva, indevidamente—já aqui o temos dito muitas vezes—os bilhetes do thesouro descontados para occorrer a urgentes necessidades ou para não avolumar em excesso, aos olhos do publico, a conta corrente. A parte do thesouro na carteira commercial do Banco só se conhece uma vez por anno, quando se publica o relatório e as contas da gerencia d'esse estabelecimento principal de credito.

Emfim, só do que se sabe pelos balancetes, o Estado devia mais, em fins de 1897, ao Banco de Portugal, do que em 31 de dezembro de 1895, cerca de 6:261 contos de réis. E' escusado demonstrar a gravidade d'este augmento nas actuaes circumstancias financeiras.

E' esses 6:261 contos representam uma somma egual de notas do Banco lançada na circulação. Isto é, o mercado in-

teiro vê-se assoberbado com mais papel e em tão extraordinaria quantidade.

De facto, dizem ainda os alludidos balancetes, a circulação subiu, no decurso de 1897, de 58:934 contos a 65:241 contos, ou sejam 6:307 contos, quantia pouco superior á que fica indicada.

Significa esta concordancia entre o augmento da divida do Estado e o augmento das notas em circulação, que é unica e exclusivamente uma consequencia das necessidades do thesouro o desenvolvimento da emissão, não auferindo quaesquer vantagens d'elle nem a industria nem o commercio.

Não será um mal, e um grande mal, este phenomeno? Ninguém decerto o ousará contestar.

Mas se é tão pouco animador este quadro da situação, que nos offerecem os balancetes do Banco de Portugal, peor é ainda o que se conclue do estado da divida fluctuante.

Em 31 de outubro do anno findo estava ella em 42:812 contos. E', sem duvida, uma cifra enorme, mas não fica por aqui; o seu crescimento é incessante.

O governo, cujos calculos em taes casos nunca peccam por excessivos, espera que até 30 de junho, isto é, até ao fim do corrente anno economico, augmente ainda cerca de 2:900 contos e que os encargos cambiaes com a mesma divida atinjam 150 contos. N'essa epoca estará, pois, a divida fluctuante em mais de 45:862 contos. Nunca ella tomou taes proporções.

Grave, muito grave se apresenta, em face dos algarismos, a nossa situação, e não sendo segredo para ninguém o insuccesso que tem tido até agora todas as tentativas do governo para melhorar ou alliviar, quer temporariamente, o estado das coisas financeiras, não é de estranhar que o publico vá perdendo de todo a confiança n'uma solução favoravel.

### PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL POR LITROS DE LICOR

Nos termos do decreto de 31 de dezembro de 1897 os proprietarios de licor em conta corrente anterior a 31 de dezembro de 1897, e seguintes, exercerem as industrias que abaixo se designam, devem solicitar, com urgencia, nas repartições de fazenda dos concelhos as respectivas licenças.

A licença deve ser solicitada antes do exercicio da industria, e a omissão será punida com quantia egual á contribuição devida no trimestre ou trimestres em que a mesma omissão se der.

Avisamos por tanto os contribuintes que forem—almocre-

ves ou recoveiros—fabrica de refinação de assucar—barbeiros ou cabelleiros—fabricantes de cal ou gesso—carros ou carroças (dono de) alugadores de cavallos, eguas ou muars—lagares de espremer a cera—empresarios de espectaculos publicos—fabricante de louça ordinaria de barro—mestre de portas, incluindo os arrematantes—engenho de serrar madeira ou pedra—singeleiro ou alugador de bois ou vaccas.

### A FAISCA

Depois de ter visitado mais de vinte estabelecimentos e feito muitas compras, voltou para casa muito tarde, para fazer demorar o jantar o mais possível, deligenciando todavia enganar-se a si propria da causa da sua tolice.

Sentindo-se incommodada a criada e queixando-se de dores na cabeça, mandou-a retirar-se procedendo sósinha á mudança da sua *toilette*, e, deitando o filho, ficou com elle até que adormeceu.

Achando na sua fadiga um pretexto para a sua impaciencia, repudia todo o disfarce, entregando-se á esportação, e começa a pensar n'elle.

Cinco minutos antes das nove horas, um ruído de carruagem sente-se justamente debaixo das suas janellas, e apesar de que o seu primeiro movimento fosse o de se retirar para a sua ante-camara, o barulho da campainha a surpreendeu occupada, a collocar n'um vaso, um ramo de chrysanthemos.

Ella não se apressou em abrir a porta, mas quando se decidiu a fazel-o, viu-o esbaforido, embaraçado pelos volumes que trazia, e ella ficou tão penalizada pela sua premeditação que não encontrou uma palavra para attenuar o máu effeito da sua lentidão, e que ella a seu pezar mais accentuou com o seu silencio a descortezia do seu acolhimento.

Recolheu-o, e em quanto o ajudava a desembarcar-se:

—Eu não sei, disse elle, como agradecer...

A phrase era sincera, exprimida com um tom cordial, mas ella era alguma cousa banal e Magdalena magoou-se com isso; desejava outra cousa. O que? Seria-lhe difficil de o dizer; ella ignorava-o talvez!... Outra cousa...

A sua resposta traduziu o seu despeito:

—O senhor não tem nada que me agradecer: um troco de data, como me disse, um pedido de compensação que não me pertencia, eu creio, de recusar.

—Que não te pertencia!...

—Não! sejam quaes forem, como o senhor o disse, os meus sentimentos a seu respeito, tanto quanto esteja em meu po-

der, eu ensinarei ao seu filho.

—Ao nosso...  
—Ao nosso filho a amal-o, e eu não quero que um dia me censure deo ter afastado d'elle... pois que não é necessario.

—A' mēdida que esta necessidade me escapou...

—Não sou eu quem julgo isso, é...

O senhor Brémont estende a mão, e sem máu modo, sómente o semblante um pouco carregado:

—Tens razão! disse elle. A lei!

Os seus olhares encontraram-se, mas elles voltaram a cabeça desconcertados pelo tom aggressivo que tomava a sua entrevista.

Magdalena dirigiu-se a por em ordem a almofada d'uma cadeira, e Jacques examinava um retrato de André, collocado sobre uma meza.

Muito meigamente, perguntou:

—Elle dorme, não?

Immediatamente comprehendiram que a conversa devia ficar n'este terreno; elles aproximaram-se:

—Oh sim! respondeu ella. O pobre menino está tão fatigado! Quando eu não estou aqui, não quer deitar-se, e como eu estive fóra até ha pouco!...

Ella sorriu-se estendendo o dedo sobre os objectos que Jacques tinha collocado perto d'elle.

—Os meus presentes do Natal estão no meu gabinete, disse ella. E o senhor, o que é que lhe comprou? O que que é ha em todos estes volumes?

O rosto de Jacques já indicava também tranquillidade.

—Se tu queres, disse elle, vamos passar revista a tudo.

—Elle tira um canivete do bolso e corta os fios:

—Eis aqui uma caixa, um acampamento de soldados, com tendas, munições! Ha tambem uma caldeira, eu creio, um fogo que chameja... Isto é um bobo! E' necessario variar os prazeres!...

Elle corta ainda, arranca papéis:

—Isto é um uniforme de zuaivo!

—De mais a mais bello! Eu vou ser diumento!

—De ním!... Um estranho!

—Oh! em minha casa! Só a esta hora!

—Perdão!

Elles consideram-se em rivalidades.

Ella pergunta:

—E esta caixa... enorme?

—E' um cavallo de balouço.

—Eu duvidava d'isso; tenho um tambem!

—De balouço?

—Não! mecanico.

—Está bem! O teu será para a guerra, o meu para a parada.

Trad. do *Petit Journal*

Continua

PAGINAS D'AMOR

FRAGMENTO

Do meu livro os Anceios

ao meu dilecto amigo Antonio Ferreira da Silva

Podeis-vos rir do misero que passa, envolto no sudario da Desgraça!... Pobre romeiro, é meu negro Destino sempre soffrer... soffrer... sempre penar...

Pobre romeiro, pobre peregrino, ergue os olhos ao céu, p'ra no azul lindo, buscar consolo, a meu tormento infindo! Debalde... Como é triste a minha vida, onde nunca desponta, um sol divino, mas só soffrer... soffrer... sempre penar...

Outr'ora louco, em doces illusões, d'um vil amor, negro, bem mentido que veio um dia, minh'alma despertar, julguei ser feliz. Tão embebido, em sonhos doces, n'elles ac'entado, d'esse amor que julguei puro e sagrado, nem sequer vi, que louco, que era engano!... Pois se tinha na minh'alma, a flor, uma ridente e meiga luz d'Aurora! E tive phantasias, de mil doçuras, sonhos d'amor tão cheios de venturas, que despertou em mim, casta alvorada... Era bello, tão bello o meu Porvir, como jámais havia, sonhado outr'ora...

Um dia, esse amor tão vil, feneceu, como fenece a folha que o calor, abrange impetuoso, em seu ardor... E depois, desde então... oh! nunca mais, os meus labios, viram sim, a sorrir... nunca... nunca sorriso algum jámais!... Tem minh'alma, agora, ai! a florir a Dôr eterna, Dôr que a feneceu!...

Bem celere, a Desgraça atroz e dura, cingiu-me, n'um amplexo bem nefando, filtrando-me no peito, a Desventura, d'um amor louco e vil, que fui libando! Tornou-se em lucto, a minha phantasia, jámais terei, um lampejo d'alegria...

Podeis-vos rir do misero que passa, envolto no sudario da Desgraça!...

P'la rampa horrída, d'este meu calvario, a cumprir, meu mui bem triste fadario, caminho, com os pés cheios d'espinhos de trilhar duros, bem longos caminhos... Minh'alma é toda dores: pobre flôr, que o furacão da vida, desfolhou... E' tudo negro, em volta de mim... Morte, oh! noiva da minh'alma, meu condôr, livra-me d'esta vida, d'esta Sorte, onde nunca, sim, nunca linda aurora, no meu céu denegrido, des'brochou... Oh! Morte vem buscar-me!... Pois agora, qu' importa a Vida, n'esta orgia do Mal, onde se mercadeja a honra, por ouro, a Virtude é um Mal, Mal um thesouro, a sangrar, as mais tôrpes e vis loucuras, se eu não encontro, um sincero Ideal, mas só bem tristes, negras amarguras?

Podeis-vos rir do misero que passa, envolto no sudario da Desgraça!... Desprezai-o, sim, vêde pois qu' importa, se é uma alma já inerte, semi-morta, sem ter só uma esperança que a conforte? E que tem mesmo a esperar, da negra Vida? —Na valla o corpo, e a podridão da Morte.—

Os vèrmes do sepulcro, em doida bôda, envolver-se-hão, na minha carne toda...

Podeis-vos rir, do misero que passa, envolto no sudario da Desgraça...

Porto, XVIII-I-XCVIII.

Tullio da Motta

Quadra solta

Tenho ciumes, minha Bem-Amada, da florinha que adorna esse teu seio... e a quem afagas, n'um ardente enleio, com a tua mão pequena e delicada...

Vianna, XCVII

Tullio da Motta

FACTOS & NOTICIAS

Ramón Losada

O nosso collega de Monsão «Independente» referindo-se á descoberta do celebre Ramón Lopez Lozada, ultimamente preso nas cadeias de Santiago, Hespanha, diz o seguinte: «Fugir ao dever que o pagar é certo.

Mais uma vez verificamos o dito popular pelo que vemos em uma correspondencia da cidade Compostelana, publicada em um dos ultimos numeros da «Correspondencia Gallega» jornal diario de Pontevedra.

Diz assim o correspondente do citado periodico:

«Foi recolhido ás cadeias d'esta cidade um tal Ramón Lopez Losada, auctor do crime de furto industrioso de 200 pesetas, na pessoa de José Sancho Blanco, do Casal da Horta, arrebaldees d'esta cidade, a quem impingiram um bote de limadura de latão por ouro em pó, o dito Lozada e Manoel Blanco».

Está pois no carcere de Santiago o famoso Lozada que ha annos capitaneou a quadrilha que assassinou o rev. Manoel de Souza Lobato, de Villar, de Alvaredo, do concelho de Melgaço.

Convem que as auctoridades d'aquella comarca averiguem bem da autenticidade da noticia que acima transcrevemos e reclamem a extradição do melro».

Jantar

O «Melgacense», no seu ultimo numero, noticiando o lauto jantar que se realisou em S. Gregorio no dia 12 do corrente mez, diz que os convidados foram conduzidos em seis carros, e chama-lhes a fina flôr, o italico é nosso.

Tem graça e não offende. Fina flôr?! Gava-te cesta, que vaes á vindima; pois não foste Rosa?

Concordamos plenamente que alguns dos convidados são realmente sympathicos, mas isso não é bonito, não fica mesmo bem a gente elogiarse a si proprio. Não acham?

Se fosse um estranho que o dissesse, ainda, ainda, mas assim não de concordar que foi extemporaneo.

Marca lá mais dois tentos á negra!

Tem graça

Dizem de Monsão que foi intimado para responder em policia correccional, pelo crime de não ter solicitado em tempo competente, guia para assentar praça, o mancoço... José Vicente Leite Veloso, natural d'aquella villa e actualmente parochó de Santa Eulália de Valladares, d'aquellê concelho.

Concursos

Acham-se abertos concursos para os logares de thesoureiro privativo da camara de Valongo, tendo de prestar de caução 2:000,000 réis; e de zelador da camara de Gondomar, com o ordenado annual de 80,000 rs.

Escrivães de fazenda

Vae ser brevemente aberto concurso para logares de escrivães de fazenda de 4.ª classe.

CAMARA MUNICIPAL

Sessão de 19 de Janeiro

Presidente — sr. Domingos Ferreira d'Araujo.

Vereadores — srs. Antonio J. Alves Salgado, Manoel José Esteves, Felix Victorino de Sousa, Francisco Pires e Luiz de Souza Pinto.

—Lida, approvada e assignada a acta da sessão anterior, foi deferido juramento ao vereador substituto sr. Souza Pinto. Em seguida procedeu-se á eleição da commissão do recenseamento eleitoral, a qual recaiu nos srs. presidente da camara e Victorino Augusto dos Santos Lima.

—Foi novamente ouvido o sr. Jeronymo Fernandes de Barros, sobre as obras a fazer na casa da escola, em Castro Laboreiro, declarando o mesmo promptificar-se a fazel-as desde o momento em que a camara lhe pague, d'aqui para o futuro, a quantia de 24,500 réis, annualmente.

O sr. presidente poz á votação tal proposta, que foi approvada por unanimidade.

—Presente o sr. Joaquim d'Egas Affonso, arrematante do segundo lanço da estrada de Prado a Paderne, pediu á camara que lhe indicasse quaes as obras, naturalmente accrescidas, a fazer n'aquella estrada; ao que o vereador Pires respondeu serem-lhe indicadas na proxima sessão.

—Pelo sr. João Antonio Pereira, do Barral, foi declarado á camara que era de urgente necessidade, mandar remover o entulho que lhe veda a entrada n'uma sua propriedade.

Resolveu-se tratar d'este assumpto na proxima sessão.

—Foi negado subsidio de lactação a Julia da Gloria de Mello, d'esta villa, para seu filho mais novo, devido, segundo disse o sr. presidente, ao estado pecuniario em que a camara se encontra.

Nada mais.

—Notamos a falta do sr. secretario, e, perguntando por isso, disseram-nos ter ido para Castro Laboreiro.

Seria ás perdzizes?

—Notamos tambem, assim como muitas outras pessoas, que quando se procedeu á leitura da acta da sessão anterior, foram tratados e resolvidos assumptos em que não ouvimos fallar, nem discutir.

—Porque seria chamado a tomar assento no senado o vereador substituto, sr. Sousa Pinto, quando, segundo nos parece, o devia ter sido o sr. Joaquim Daniel de Fontes, visto que é mais velho?

Não faria tanto geito? Ou haveria n'isso grande conveniencia?

—Tambem não achamos bonito recusar-se o subsidio de lactação á requerente Julia da Gloria, mas como não ha dinheiro, que fazer-lhe? O que havia disponível foi-se em ordenados e annuncios!...

—Tambem não podemos concordar, de forma alguma, com o modo porque são feitas e discutidas as propostas, durante as sessões.

O sr. presidente deve saber que é preciso fallar de forma que todos ouçam o que alli se passa, porque aquillo é publico e bem publico. Do contrario ninguem pode dizer, com verdade, o que se discute.

Esperamos ser attendidos.

Caminho de ferro do Alto Minho

Diz o nosso presado collega «O Valenciano»:

«O sr. Director das Obras Publicas do districto, officiou aos concessionarios d'este caminho de ferro, referente á inauguração dos trabalhos de construcção, no dia que fór designado superiormente, visto não poder ter logar a 20 d'este mez, por motivos de servicos urgentes.

—Nos primeiros estudos a que procedeu o sr. engenheiro Monteiro, ficou marcado na respectiva planta, que a estação de Lapella seria construida em terreno da sr.ª viuva Almeida, de Melgaço, e, nos segundos estudos a que procedeu o sr. conselheiro Justino Teixeira, ficou o logar designado para esta estação, n'um terreno inculto, da sr.ª Francisca de Mello, sogra do sr. Anacleto, em virtude d'esta sr.ª se interessar que a estação fosse nas proximidades da casa de sua residencia, cedendo gratis o terreno a expropriar-se para a estação e barracão de mercadorias, como consta do projecto definitivo ultimamente approvedo pelo governo.»

A vista d'isto, parece que brevemente se dará principio a tão util como importante melhoramento.

Deus o permita.

Licença

Ao sr. Julio Candido Ferreira Pinto da Cunha, intelligente contador e distribuidor do juizo de direito da comarca de Rio Mator, foram concedidos 30 dias de licença.

Sobre liberdade d'Imprensa

Foi-nos enviado um exemplar da representação que a Associação dos Jornalistas de Lisboa fez subir á camara dos deputados contra o projecto de lei de 16 de junho de 1897, tendente a regular o exercicio do direito da expressão do pensamento pela imprensa.

Carta de encomendação

Foi passada por um anno, ao rev. Antonio de Souza Lobato, illustrado parochó da freguezia de S. Thiago de Penso, d'este concelho, para a mesma freguezia.

Parabens.

Empréstimo

Foi auctorizada a camara de Paredes de Coura a contrair um empréstimo de 4 contos, amortisaveis até 25 annos, com o encargo maximo de 300,000 réis, para obras e estradas.

Madame Sans-Gêne

Recebemos as cadernetas n.ºs 8 e 9 d'este excellente e extraordinario romance militar e dramatico editado pela empresa do jornal «O seculo».

Visita de collegas

Recebemos e agradecemos a amavel visita dos nossos presados collegas «A Resistencia» de Lisboa, e «Jornal Salto» de Cintra, com os quaes, gostosamente, vamos permutar.

**Aperlos**

—Bons dias, amigo Anacleto,  
—Viva o sr. Linguarudo.  
Então que conta, que peccados o trazem por esta sua casa?  
—Eu lhe digo, tive de vir á feira por causa de comprar um bacorinho, e então lembrei-me que vocêmecê tomaria a mal, se não viesse visitá-lo, como é costume.  
—Ora essa, é boa. *Inter amicos non habet gerigonça.*  
—O senhor Anacleto, faz favor de me dizer o que é isso?  
—Isso, o que?  
—O que disse agora, que não percebi nada!  
—Você está doido, e quem tem a culpa d'isso são as tri-canas. Tenha juízo, e lembre-se que já não é creança.  
—Qual doido, nem meio doido. Vocêmecê fallou para ahí, não sei em que, e eu desejava que me explicasse o que era.  
—Eu o que disse é que lá na feira havia muito onde escolher.  
—Ah! Pois olhe que me custou, é verdade quanto lhe parece?  
—Eu não sei. Como tem a perna curta e está gorinhado, supponho que lhe havia de subir de trez coroas, certo?  
—Por ahí anda. Não lhe botou mal.  
—E' verdade, o senhor Anacleto, ouvi lá dizer, que na semana passada foi apprehendido o «Jornal de Melgaço». Elle isso tem geito? Ou será historia?  
—Eu lhe digo, historia parece-me que não é.  
—Mas então porque foi?  
—Ora, porque havia de ser?  
—Isso pergunto eu.  
—Dizem que foi por causa das aguas?  
—Ah...  
—E você admira-se!  
—Se lhe parece?  
—E agora, amigo Anacleto?  
—Agora, não sei. Por enquanto não se sabe mais nada.  
—Tambem lá ouvi fallar, ao meu visinho João, n'um despacho ou transferencia, e fallava na feira e S. Cypriano. Que será? Sabe alguma coisa a este respeito, sr. Anacleto?  
—Não, eu não sei nada.  
—Então é historia, por força. Seja o que for. Você deseja alguma coisa lá para os meus lados?  
—Desejo que faça boa via-

gem; e que continue com as suas visitas por cá.  
—Obrigado, amigo Anacleto. Mandé o seu dedicado

*Linguarudo*

**Desgraça ou desellido?**

Ha dias, no logar de Eiró de Cima, proximidades d'esta villa, os caseiros do sr. Victorino Augusto dos Santos Lima, commetteram mais uma vez a leviandade, para não dizermos mais alguma coisa, de se retirarem de sua casa, deixando ahí seus filhos, que todos são creanças; e uma d'ellas accendendo-se do lume, queimou-se por tal forma que dias depois falleceu.

Dizemos que é isto mais uma vez, porque este facto já é o terceiro que deixam succeder.

**Apprehensão**

Na quinta-feira passada, na occasião em que o distribuidor do «Jornal de Melgaço» andava n'esta villa, a fazer a distribuição, foi subitamente surprehendido pela mão d'um official de diligencias da administração d'este concelho, o qual, á ordem da auctoridade administrativa, lhe apprehendeu todos os numeros que ainda lhe faltavam distribuir.

Até á hora em que o nosso periodico entrou no prelo, ainda não era sabido o motivo de tal apprehensão.

**Escripturnarios de fazenda**

Vão ser supprimidos os logares de escripturnarios de fazenda dos concelhos e bairros do continente e ilhas.

Aos actuaes são garantidos os logares que exercem os vencimentos respectivos e os direitos de promoção e de aposentação de que gosam. A' proporção que se forem dando em cada concelho ou bairro vacaturas dos logares de escripturnarios de fazenda, serão abonados annualmente aos escriptvães de fazenda, por cada vacatura:

Nos concelhos onde ha hoje um só escripturario do quadro 120.000 réis.

Nos concelhos onde ha hoje dois escripturarios do quadro 100.000 réis.

Nos concelhos onde ha hoje tres ou quatro escripturarios do quadro 80.000 réis.

**Parabens**

Damos os mui sinceros aos membros da meza eleitoral da assembleia de Fiães, pelo bom exito que obtiveram na Relação do Porto.

**Festividades**

No dia 20 foi brilhantemente festejado, nas freguezias de Chaviães e S. Palo, o martyr S. Sebastião.

No proximo dia 2, deve realisar-se em Remoães, a costumada festividade de Nossa Senhora das Candeias.

**A Vinha de Torres Vedras**

Entrou no quinto anno da sua publicação este nosso prezado collega, orgão não só dos interesses da agricultura torrejana, como de todo o país.

Felicitemol-o, pois, mui cordalmente pelo seu quinto anniversario, desejando-lhe muitas prosperidades.

**Transferencia**

Dizem-nos que a seu pedido, foi despachado, para a igreja parochial de S. Cypriano de Paços Brandão, no concelho da Feira, diocese do Porto, o rev. Caetano Fernandes, abba-de d'esta villa.

**Mercado**

Esteve concorridissimo o mercado que no dia 24 do corrente mez, se realisou n'esta villa, effectuando-se porisso, bastantes transacções.

**Estimamos**

Dizem de Lisboa:

«O sr. Baldaque da Silva, inspector dos serviços de exploração das aguas, partiu ha dias para o norte, afim de fazer parte de uma vistoria no rio Carma, onde a fabrica de papel do Carvalho despeja os dejectos da sua laboração, destruindo as especies do rio e os vegetaes das margens.»

Segue depois para o rio Ave para inspecção a estação de piscicultura, na qual já estão em incubação 10.000 ovos de frutas arcoiris. Tambem vae ao alto Minho para reconhecer a importancia dos salmões que já apparecem n'aquelle rio, onde comecam a entrar no prin-

cipio do corrente mez, subindo para cima de Melgaço.»

Folgamos de ver entre nós tão primoroso cavalheiro.

**O Jornal dos Romances**

Temos presente o n.º 41 do «Jornal dos Romances», illustrado, unico que neste genero se publica em Portugal pela insignificante quantia de vinte rs. por semana. Este numero contém além do emocionante romance dos combates da vida, «Joanninha, a costureira», as grandes tragedias, «O romance d'um soldado», «Os Cavalheiros da Rosa Vermelha», Ballada, Theatros, Secção recreativa e correspondencia.



*Fez annos:*  
Domingo—o sr. José Fernandes Braga.  
*Fazem annos:*  
Hoje—o sr. Adriano Candido Moreira.  
Sabbado—o sr. Aurelio Augusto Vaz.



—Tem passado incommodado d'um pé, o prestante cidadão sr. José Candido Gomes d'Abreu.

Desejamos-lhe promptas melhoras.

Vimos aqui na semana passada os rev.ºs Manoel Antonio Domingues Costa, Manoel Bento Gomes, Antonio de Sousa Lobato e João Luiz Peréira Caldas, illustrados parochos das freguezias de Cubulhão, Fiães, Penso e Parada.

—Esteve em Monsão na semana passada, o rev. Antonio Avelino Douteiro, digno parochico da freguezia de Paços.

Tambem ali esteve no ultimo domingo, o sr. Arthur Napoleão de Mattos Teixeira Pinto, intelligente director da estação telegrapho-postal d'esta villa.

—Vimos ante-hontem n'esta villa, o sr. dr. Ladislau Xavier Verissimo de Moraes, digno

delegado do procurador regio na comarca de Monsão.

—Acompanhado de sua ex.ª familia, partiu para Lisboa, o sr. Luiz Maria Monteiro, estimavel cavalheiro d'esta villa.

—Esteve entre nós o sr. Augusto d'Abreu da Rocha e Sá, importante capitalista, da Vallinha, Ceivães.

—Consta que foi barbaramente assassinado, no Rio de Janeiro, para onde partira ha mezes, o sr. Francisco José Rodrigues Junior, apreciavel cavalheiro, da freguezia de Christoval.

Oxalá não venha a confirmar-se, como verdadeira, tal noticia.

**ANNUNCIOS**

**Antonio Maria Guerreiro**  
PROFESSOR

d'Instrução primaria e secundaria, auctorisado pelo Ministerio do Reino, habilita para exame no lyceu e no seminario, para o Magisterio primario e para o Commercio.  
Approvações obtidas nos exames dos seus alumnos 236.  
Distinções. .... 14.

**CALHINHA**

**Arrematação**

No dia seis do proximo mez de fevereiro, a porta do tribunal judicial, se hão de vender a quem mais der os seguintes bens: uma decima parte da casa que foi dos guardas; a metade do Barbeito chamado Colmeal; uma quarta parte do Barbeito chamado dos Vidos, todos sitos no logar de Alcobaça, da freguezia de Fiães. Arrematação que tem logar por virtude da execução que a Fazenda Nacional move contra Rosa Alves, e Maria Rosa da Joanna, do logar de Alcobaça freguezia de Fiães, para a qual são citados os credores incertos.

Melgaço, 13 janeiro de 1898.  
O Juiz de Direito,  
Mendes d'Alcantara  
O escriptváo,  
Antonio Severo de Freitas

**FOLHETIM**

**A**

**Irmã de Caridade**

O conde e a condessa de Kisoloff receberam Clementina com agrado, e nos primeiros dias até chegaram a dar-lhe algumas vezes o nome de filha; pareciam fer-lhe perdoado a posse de um titulo, que ella havia obtido á custa de tantos e tão raros sacrificios!... Porém, desgraçada menina! seus pezares não estavam ainda acabados; reservava-lhe o ceu novas provas para á fortificar na desgraça. Aleixo procurado e festejado por todos os senhores ricos e poderosos do districto, comecou a vel-a com indiferença, logo que esfriou a admiração que ao principio havia excitado; ou antes logo que

noyas e mais brilhantes formosuras comecaram a deslumbra-los seus olhos, é tocar seu coração. Esta deslealdade de Aleixo dava-se muito com o orgulho da familia, para que não fosse por ella acolhida. Detaxavam a pobre Clementina dias, inteiros só no seu quarto, como uma pessoa extranha, de quem se não fazia caso. Tinha-na aceitado para companheira do proscripto, mas não como esposa do nobre conde; e a familia não tratava já de disfarçar a vergonha que sentia de tal alliança, e o peso que lhe causava uma mulher de tão desigual condição. Clementina percebeu facilmente tudo isto, e quiz ainda procurar o ultimo refugio e conforto em um coração, que por tantos titulos devia ser todo seu; porém esse coração estava já inteiramente fechado para ella: a ternura é a gratidão o haviam desemparrado, para o deixar todo livre para a ambição. Com tudo ainda Aleixo á entreteve por al-

gum tempo com promessas e protestos; mas não tardou muito o fatal desenganho. Um dia pela manhã a infeliz Clementina recebeu no seu quarto a intimação de que o seu casamento com Aleixo havia sido annullado, e que devia renunciar para sempre o titulo de sua esposa!

Aqui não me foi já possível conter a minha indignação, e exclamei:

—Vilões, vis e cobardes!

—Sim, senhor; replicou a irmã Magdalena, com a maior commoção: razão tendes para dizer que tal procedimento foi baixo e cruel, e por certo que mais custoso de soporitar que os trabalhos da proscrição, e os desertos da Siberia; cobarde tambem foi essa gente em abusar assim da fraqueza de uma pobre mulher sem amparo, nem protecção. Debálde tentou ella enternecer com suas lagrimas e seus rogos aquelles peitos de bronze. Aleixo, o mesmo Aleixo, a quem a infeliz tantas pro-

vas havia dado de um amor puro e desinteressado, a repelliu de si com dureza; prohibi-lhe de apparecer mais em sua presença, temendo sem duvida que os remorsos da consciencia o arguissem á sua vista de tão barbaro proceder. Preparava-se já tudo para o seu casamento com uma nobre e opulenta herdeira; e que peso podiam ter os direitos de uma pobre rapariga estrangeira e desvalida? De que lhe serviria a ella querer arrostar-se com o valimento e immensas riquezas de familias illustres e poderosas? Augmentar a sua vergonha fazendo publico o seu opprobrio. Quanto mais que o amor e os cuidados de Clementina podiam ser recompensados com oiro! Ao menos assim o julgaram elles, e foram generosos na somma que offereceram a titulo de recompensa, com a condição de que voltaria sem demora para a sua patria... Para a sua patria!... porventura tinha ella patria?... Ah! que

tereis vos feito senhor, no logar da desgraçada?

—O que teria feito? Recusar com indignação essas infames e vergonhosas offertas: teria appellado para as leis; para o tribunal do proprio imperador: teria coberto esses indignos da vergonha e desprezo que mereciam.

—Sem duvida poderia ella ter feito isso, se as suas vozes houvessem chegado aos ouvidos do czar: por ventura que na sua indignação teria elle revogado o perdão, que tanto trabalho havia custado a conseguir; acaso teria Aleixo de ir habitar de novo os desertos da Siberia, sem uma terna e fiel amiga, que lhe adocasse como da outra vez os seus horrores, e lhe aliviasse a sua solidão... porém Clementina queria justiça, e não vingança.

TYPOGRAPHIA

JORNAL DE MELGAÇO

LARGO DA FEIRA NOVA (vulgo do gado) MELGAÇO

Esta casa typographica, encarrega-se de todos os trabalhos typographicos, como jornaes, livros, cartazes e programmas para theatros, mappas, memoranduns, cartas funebres, bilhetes para rifas, facturas, participações de casamento, recibos para confrarias, e juntas de parochia, etc.

<b>CARTÕES DE VISITA</b> Desde 300 a 600 réis o cento.	<b>CARTÕES DE LUTO</b> Desde 600 a 800 réis o cento.
---	---

Encarrega-se tambem de impressos para repartições publicas e camaras municipaes por preços modicos.

FAZENDAS PARA INVERNO

Vender muito e ganhar pouco é o systema adoptado na

LOJA NOVA

ANTONIO JOAQUIM ESTEVES

PRAÇA DO COMMERCIO

MELGAÇO

Chegou a este estabelecimento grande e variado sortido, de fazendas proprias para a presente estação de inverno, que se vendem mais baratas do que na Galiza.

O proprietario d'este conhecido estabelecimento chama a attenção, e pede aos seus numerosos freguezes e amigos a fineza de verem os preços e qualidade dos seguintes artigos:

- Flanellas de cor para factos. Gostos lindissimos, Cazemiras, Meltão.
- Flanellas azuis, Panno azul, Cheviotes.
- Picotilhos muito bons, a 700 réis o metro.
- Castorinas.
- Cheviotes a 600 réis.
- Challes a 600 rs. Ditos de carapinha, muito modernos, Cobertores.
- Flanellas para camizas.
- Fazendas de lá para vestidos de senhora.
- Sortido completo de riscados a 50, 60 e 70 réis.
- Panno enfastado para lençoes.
- Paños branqueados.
- Pannos crus.
- Morins, desde 100 réis a 180, o que ha de melhor.
- Panninhos para forros.
- Algodões e miudezas.
- Completo sortido de cotins.
- Sortido de chancas para homem e senhora.
- Todos os generos de mercearia.
- E muitos outros artigos que tudo vende por preços sem competencia.

À LOJA NOVA DO ESTEVES

MELGAÇO

LOJA NOVA DO CANTINHO MELGAÇO

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso, negociante, d'esta villa, participa aos seus ex.<sup>mos</sup> freguezes, e ao publico em geral, que acaba de mudar o estabelecimento que tinha na praça do Commercio, denominado (antiga Casa do Rainha) para o seu predio sito no largo do Chafariz, aonde já tinha e tem outro estabelecimento denominado «Loja Nova do Cantinho, no qual espéra continuar a receber as ordens dos ex.<sup>mos</sup> srs. que desejem ter a deferencia de procural-o.

Melgaço, 1 de janeiro de 1898.  
Feliciano Candido d'Azevedo Barroso.

PHARMACIA BARREIRO

(PERFUMARIA)

- Pós de arroz superior.
- Arminhos para applicação dos mesmos.
- Aguas de colonias finas.
- Escovas para a cabeça.
- » dentes.
- Cosmeticos.
- Pós de dentes.
- Pincéis para barbeiros.
- Sabão em pó.
- Sabonetes de diferentes qualidades.
- Agua Florida.
- Tonico Amarello.
- Rum & Quina.
- Tinteiros para algibeira.

E tudo o mais pertencente a perfumaria, que vende por preços baratissimos.

O MESTRE POPULAR

APERFEIÇADO

Francês e o Inglez sem mestre EM 50 LIÇÕES

Novos methodos facilissimos que permitem a qualquer pessoa aprender a fallar, escrever e traduzir correctamente as linguas francezas ou inglezas, por

JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA JUNIOR (OSCAR NEY)

PROFESSOR E JORNALISTA

Obra completa para qualquer das linguas 23000 réis—1 fasciculo semanal 80 réis.

Empreza editora do «Mestre Popular» aperfeiçoado—Travessa dos Remedios 3, 2.º (ao caminho de Ferro.) LISBOA

Bordadeira e Moda

Portugueza

ARTE DE CORTAR E FAZER VESTIDOS SEM MESTRE

SUPPLEMENTO A BORDADEIRA E MODA PORTUGUEZA

Principiou a publicar-se no dia 20 de setembro e continuará em todos os numeros. Preço da assignatura da «Bordadeira», com este supplemento; Anno, 23000 réis. Semestre, 12200 réis. Preço avulso do jornal e supplemento, 100 rs. Não se vende em separado do jornal este supplemento.

ATELIER

PHOTOGRAPHICO

DE

SILVA AMORIM

16, RUA DE S. SEBASTIÃO, 18

VIANNA DO CASTELLO

Tiram-se retratos desde miniatura ao tamanho natural. Inalteraveis.

PERFEIÇÃO E NITIDEZ

Opera-se com todo o tempo, desde as 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

RETRATOS «MIGNONET»

A 800 REIS A DUZIA

Ampliações photographicas, retratos a crayon e todos os trabalhos concernentes a photographia.

Especialidade em retratos de creança.

Grande redução de preços para retratos de costumes do Minho.

16, Rua de S. Sebastião, 18

VIANNA

N'esta mesma casa encontra-se montada a

RELOJOARIA MODERNA

que esteve na Praça da Rainha, alguns annos. Fazem-se toda a qualidade de concertos em relógios por mais difficéis que sejam.

RUA DE S. SEBASTIÃO, EM FRENTE AO GRANDE HOEL EUROPA

VIANNA

CONTRA A TOSSE. MARQUE PEITORAL JAMES

Unico legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e approvado nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Depositos nas principaes pharmacias.

CONTRA A DEBILIDADE

Vinho Nutritivo de Carne

Unico legalmente autorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescença de todas as doencas; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um cabec d'esto vinho, representa um bom bife. Achase á venda nas principaes pharmacias.

Loja Nova do Cantinho

AVISO AO PUBLICO

O proprietario d'este estabelecimento previne o respeitavel publico em geral que acaba de fazer grandes abatimentos nos artigos que constituem o seu commercio, os quaes só vistos se poderá acreditar na veracidade do que se annuncia. Visitem, porisso, a Loja Nova do Cantinho, para poderem verificar a grande redução de preços que o seu proprietario ultimamente fez.

Melgaço, 1 de janeiro de 1898.  
Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (o Cantinho)

PAPEL PARA EMBRULHO

Vende-se n'esta redacção a 800 réis cada 15 kilos.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco

Esta farinha, que é um excellento alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças, é ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tonica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo. Está legalmente autorizada e privilegiada.

No Jornal de Melgaço

ORÇAO DOS INTERESSES LOCAES

Proprietário,

Duarte A. de Magalhães

ASSIGNATURAS	ANNUNCIOS
Anno . . . . . 15000 réis	Por cada linha . . . . . 30 réis
Semestre . . . . . 6000 »	Outras publicações contracto especial.
Africa (anno) . . . . . 25000 »	Numero avulso . . . . . 20 »
Brazil ( " ) . . . . . 35000 »	

Impresso na typographia do Jornal de Melgaço—Largo da Feira Nova (vulgo do gado)—Melgaço.

EDITOR—Manoel Joaquim Esteves Calçada